

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 27 • 2020



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2020

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 27 • 2020 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

*Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

SOBRE A PRESENÇA DE *CONUS PULCHER* (LIGHTFOOT), 1756 NA GRUTA DAS FONTAINHAS (CADAVAL) OU A OCORRÊNCIA DE OBJECTOS EXÓTICOS AFRICANOS EM PORTUGAL NO DECURSO DO SÉCULO XVI

ABOUT THE PRESENCE OF CONUS PULCHER (LIGHTFOOT), 1756 IN THE CAVE OF FONTAINHAS (CADAVAL) OR THE OCCURRENCE OF EXOTIC AFRICAN OBJECTS IN PORTUGAL DURING THE 16TH CENTURY

João Luís Cardoso*

Abstract

We present the study of two specimens of *Conus pulcher* (Lightfoot), 1786, whose geographical distribution extends from the coast of Mauritania to the Gulf of Guinea, collected in the archaeological excavations carried out in 1879/1880 in the cave of Fontainhas (Lisbon District, Cadaval municipality). The dating obtained by radiocarbon preferably places the age of the specimens between the last quarter of the 15th century and the mid-17th century. Thus, both the chronology and the geographic distribution of these specimens are compatible with the production, both in the Sierra Leone region and in Benin, of ivory pieces that supplied the Kingdom and the courts of Europe as sumptuous and exotic products. The presence in Portugal of this two shells can thus be explained by being exotic pieces that aroused interest, even by their beauty. However, the reason for their intentional deposition in a cave set up in a deserted place, such as the culminating platform of the Montejunto mountain remains unknown.

Keywords: *Conus pulcher*; Sierra Leone; Benin; Portuguese Trade; XVI century.

1 – OS DADOS E OS PROBLEMAS

A caracterização da presença do género *Conus* sp. em estações arqueológicas portuguesas foi objecto de estudo anterior publicado nas páginas desta Revista, tomando como justificação imediata a existência na gruta das Fontainhas de um grande exemplar cuja origem não poderia ser atribuída ao território peninsular (CARDOSO & GUERREIRO, 2001/2002). Com efeito, ao litoral da Península Ibérica encontra-se reportada apenas a espécie *Conus mediterraneus* Hwass in Bruguière, 1792, cuja distribuição, na actualidade, se concentra em diversos esteiros do litoral algarvio (NOBRE, 1932, p. 73).

Desta forma, o referido exemplar só poderia ser atribuído a espécie exógena ao litoral atlântico português, à semelhança de outras, identificadas em diversas estações pré-históricas do nosso território, designadamente

* Universidade Aberta (Lisboa) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador do ICArEHB (Univrsidade do Alentejo). cardoso18@netvisao.pt

a lapa *Patella safiana* Lamarck, 1819. Um exemplar reportado a esta espécie, transformado por polimento em objecto de adorno, provavelmente pendente, foi identificado no povoado neo-calcolítico do Pedrão (Setúbal) (SOARES & SILVA, 1975, Est. 18, n.º 237).

A presença desta espécie, na actualidade, circunscreve-se a parte do litoral norte africano e arquipélago de Cabo Verde (WoRMS taxon details, consultado a 14/4/2020). Outro exemplo de uma lapa cuja origem é reportável ao litoral norte africano é *Patella candei* d'Orbigny, 1840, representado no sítio neo-calcolítico dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz) por diversos exemplares (VALERA & ANDRÉ, 2016/2017), espécie presente nas Canárias (WoRMS taxon details, consultado a 14/4/2020).

Deste modo, existiam argumentos a favor de uma origem norte-africana destes exemplares, transformados ou não em objecto de adorno, acompanhando a importação de marfim, incluindo peças em bruto, de elefante africano, bem demonstradas no Calcolítico do centro e sul do território português por um já abundante conjunto de ocorrências provenientes daquela região. Foi à luz desta evidência que a presença do exemplar de *Conus pulcher* (Lightfoot), 1786 proveniente da gruta das Fontainhas foi interpretada.

A gruta é particularmente relevante pelo registo de vertebrados plistocénicos nela recuperados, estudados primeiramente por E. Harlé (HARLÉ, 1910/1911) e, muito mais tarde, pelo signatário (CARDOSO, 1993). A este conjunto de interesse paleontológico, soma-se um conjunto de espólios arqueológicos mais modernos cuja cronologia vai do Neolítico Antigo evoluído à Idade do Bronze (GONÇALVES, 1990/1992). Desconhecendo-se espólios de épocas mais recentes, seria no intervalo de tempo referido – incluindo o Calcolítico, representado designadamente por alguns fragmentos de produções campaniformes – que o exemplar já estudado se integraria, constituindo oferta funerária que acompanharia algum dos sepultamentos então ali realizados. Sendo a presente distribuição desta espécie – que é comum nos locais onde ocorre – exclusivamente circunscrita ao litoral africano ocidental (desde a Mauritânia – banco de Arguim – Senegal e Golfo da Guiné) (WoRMS taxon details, consultado a 14/4/2020), seria mais um exemplo expressivo da presença de produtos exógenos em contextos pré-históricos portugueses de origem africana, neste caso alargando ainda mais para sul as permutas então estabelecidas, ainda que de forma esporádica.

Contudo, a possibilidade de existirem produtos de época pré-histórica no território peninsular provenientes do litoral africano para além do Cabo Bojador obrigava a possuir uma evidência mais sólida da simples ocorrência de um exemplar isolado, para mais descontextualizado. Tais cuidados eram ainda mais justificados pelo facto de os produtos seguramente reconhecidos de origem africana não ultrapassarem o âmbito geográfico do litoral marroquino, como indica *Patella safiana* indo, quando muito, até às Canárias, tendo presente a já referida ocorrência de *Patella candei* no sítio neo-calcolítico dos Perdigões.

Assim sendo, em virtude de *Conus pulcher* corresponder a origem muito mais meridional do litoral africano, tal obrigaria a admitir, na Pré-História, a existência de relações, directas ou indirectas com regiões ainda não representadas no registo arqueológico, realidade que carecia de confirmação.

2 – LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES

A gruta das Fontainhas é uma cavidade de origem cársica aberta nos calcários do Jurássico existente no topo da serra de Montejunto (concelho de Cadaval), situando-se a cerca de 400 m de altitude.

As suas coordenadas geográficas são as seguintes (Fig. 1):

39° 11' 37'' lat. N; 9° 02' 39'' long. W de Greenwich

A gruta foi explorada em 1879/1880, tal como outras da região (CARDOSO, 2020), pelo colector Manuel Roque, da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, sob direcção de Nery Delgado, tendo em vista a recolha de espólios paleontológicos e arqueológicos susceptíveis de engrandecerem as colecções daquela instituição, tendo em vista a realização em Lisboa, em Setembro de 1880 da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, no decurso da qual se realizaria a visita dos congressistas ao Museu já então existente na sede da Secção. Por tal motivo, e dado o escasso tempo disponível, as escavações realizadas na gruta foram pouco cuidadosos; segundo Paul Choffat, “Elle fut exploré encore plus négligemment que les autres, parce que les fouilles avaient commencé trop tard pour pouvoir être utilisées pour le congrès” (CHOFFAT, 1920, p. 152). Os trabalhos estiveram a cargo do colector Manuel Roque, sem qualquer acompanhamento ou supervisão, o qual, desencorajado pelo abandono a que foi votado, como constatou Choffat quando o visitou no terreno, não terá feito qualquer relatório desconhecendo-se por isso as condições de jazida dos espólios recuperados.

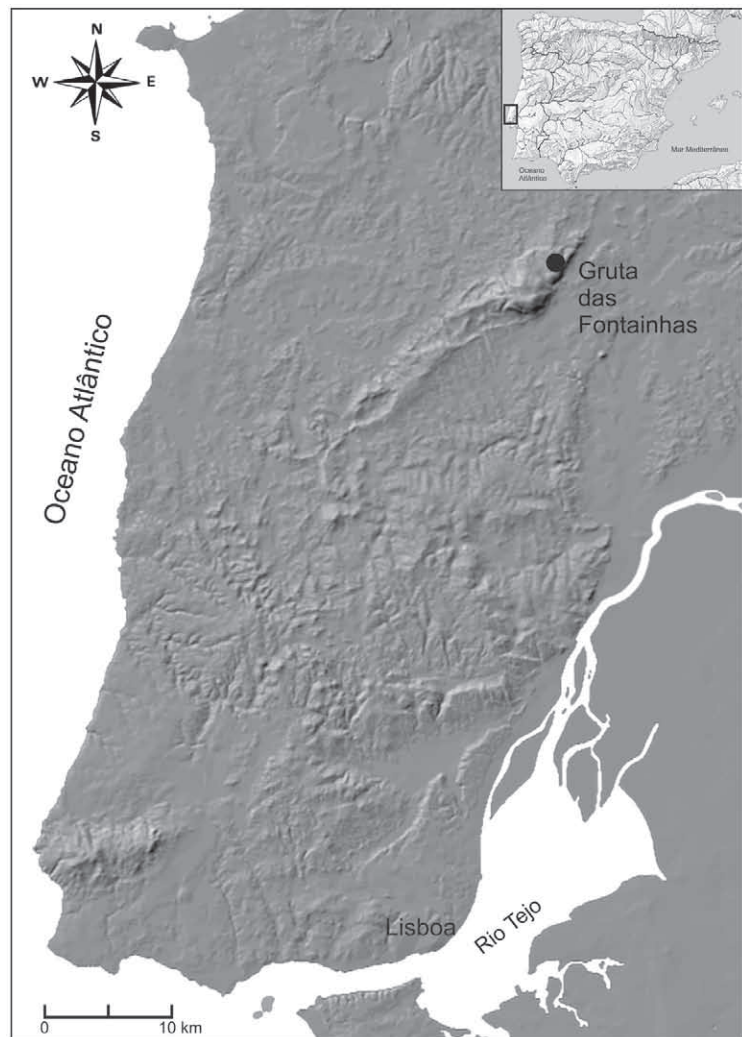


Fig. 1 – Localização da gruta das Fontainhas.

3 – TRABALHOS REALIZADOS; RESULTADOS OBTIDOS

Procedeu-se à revisão dos espólios recolhidos na gruta das Fontainhas e conservados no Museu Geológico do LNEG, tendo em vista a eventual identificação de espólios de épocas modernas ou mesmo contemporâneas susceptíveis de justificarem, em alternativa à cronologia pré-histórica antes admitida, a ocorrência do único exemplar de *Conus pulcher* identificado que até ao presente era conhecido em território português em contexto arqueológico.

Embora se tenha confirmado a ausência, entre os espólios actualmente conservados, de materiais de épocas mais modernas que a Idade do Bronze, tal não significa que estes não ocorressem nos depósitos arqueológicos, podendo simplesmente não ter sido recolhidos aquando da escavação devido à sabida falta de interesse científico que então se lhes atribuíu.

O trabalho de revisão efectuado conduziu, no entanto, à identificação de um segundo exemplar de *Conus pulcher* muito semelhante ao anteriormente ali identificado, embora ligeiramente maior.

Ambos os exemplares evidenciam assinalável erosão superficial, com a perda da coloração e do brilho originais, apresentando-se com superfície rugosa e esbranquiçada, o que afasta a possibilidade de corresponderem a peças recentes.

A presença do exemplar (Fig. 2, n.º 2) agora identificado entre os espólios conservados da gruta reforçava a necessidade de reapreciação da sua cronologia.

Assim, foi remetido ao Laboratório de radiocarbono da Universidade de Waikato (Nova Zelândia), uma amostra de pequenos fragmentos retirados em partes iguais de ambas as conchas, ao longo da abertura das mesmas.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

Wk – 45569 – 961 +/- 15 BP.

Esta data corresponde aos seguintes intervalos em anos de calendário, obtidos com recurso ao programa OXcal bem como do programa para correcção do efeito de reservatório oceânico de Reimer et al., 2013 (Fig. 3):

- para 68,2% de probabilidade: 1470-1660 d.C.
- para 95,4 % de probabilidade: 1400-1810 cal d.C.

Pode assim concluir-se que a maior probabilidade se situa no século XVI, conclusão que se afigura muito interessante, já que pode ser relacionada com o início da presença portuguesa em estabelecimentos de natureza comercial implantados na mesma faixa litoral de onde provêm estes dois exemplares.

4 – DISCUSSÃO

No decurso da segunda metade do século XV, especialmente no último quartel, os Portugueses estabeleceram-se ao longo do litoral em diversos locais dos quais o mais importante foi o castelo de São Jorge da Mina, situado no litoral do actual Gana, entre a Costa do Marfim e o Benim, edificado rapidamente em 1482 com materiais de construção trazidos do Reino. Mais a norte, o litoral da Serra Leoa foi também frequentado com intuítos comerciais, que acresceu o comércio de escravos. Assim se obtinha, por troca, o ouro, e também outros produtos de luxo manufacturados de marfim, sob a forma de objectos exóticos destinados a exportação, tanto de índole litúrgica (píxides), como profana (olifantes, saleiros, colheres) de extraordinária beleza para os olhos dos europeus, que lhes concediam o estatuto de preciosidades raras, integrando-se desde logo no quotidiano das casas nobres e da alta burguesia comercial, para além de diversas casas reais europeias, em cujas colecções nalguns casos ainda hoje se conservam. Atendendo à respectiva tipologia das peças, bem como às suas temáticas e técnicas decorativas, foi possível propor centros de produção diferenciados (Bassani & Fagg, in RAPOSO, 1993; MASSING, 2009; RODRIGUES, 2018), o primeiro correspondente à região da Serra Leoa e o segundo respeitante ao Benim. O período de produção dos marfins da Serra Leoa pode situar-se ente 1490 e 1530/1550 (Bassani & Fagg, in MARK, 2009), enquanto que até ao final do século XVI as produções de marfim que continuaram a afluir à Europa seriam produzidas, segundo os mesmos autores, na região do Benim. Esta visão dicotómica tem sido contrariada por outros autores, que, baseados em relatos contemporâneos, referidos por Peter Mark, admitem que até meados do século XVII os povos da região da Serra Leoa



Fig. 2 – Os dois exemplares de *Conus pulcher* (Lightfoot), 1786 do Museu Geológico do LNEG. Em cima, o exemplar já conhecido e publicado (CARDOSO & GUERREIRO, 2001/2002). Note-se o desgaste da superfície de ambos os exemplares. Fotos de João Luís Cardoso.

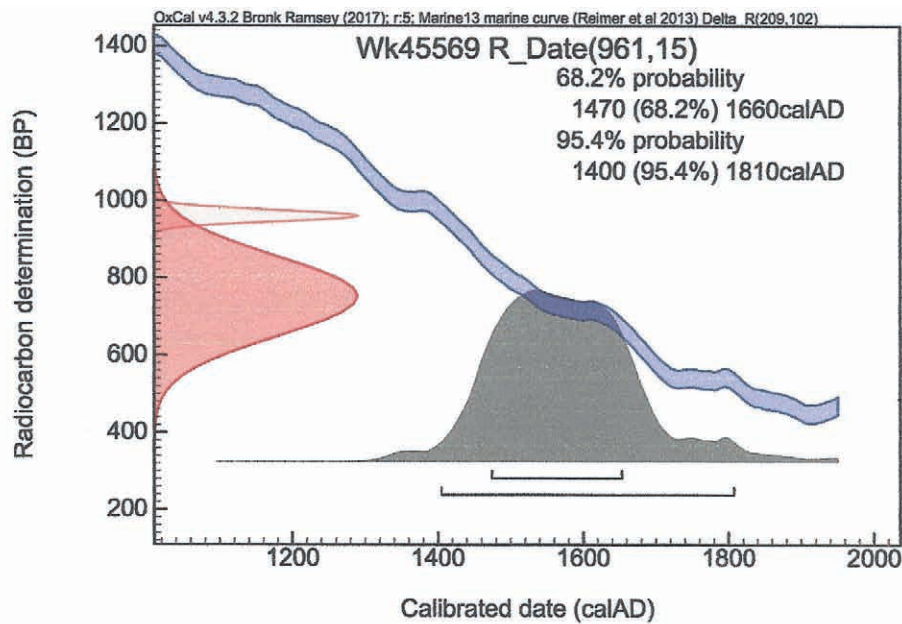


Fig. 3 – Distribuição de probabilidade da datação Wk 45569 depois de calibrada e corrigida do efeito de reservatório oceânico.

continuaram a praticar o trabalho do marfim, sem excluir a possibilidade de, também no Benim, se terem continuado a produzir peças até ao século XVII.

Infelizmente, este tipo de peças só muito raramente ocorre em contextos arqueológicos. O inventário recentemente realizado (GOMES, 2017) aponta apenas para três ocorrências, cada uma delas representada por um ou diversos artefactos, oriundos da região da Serra Leoa ou do Benim, de acordo com o referido arqueólogo: trata-se de um fragmento de colher, representando crocodilo, proveniente da Rua da Cerca, em Almada; de um outro fragmento com cabeça de ave, proveniente das escavações realizadas no Largo de Jesus, em Lisboa; de dois fragmentos de colheres oriundas de São Vicente de Fora, em Lisboa, uma delas com a representação de português; e de uma colher quase completa recolhida na Av. Miguel Fernandes, em Beja.

O estado fragmentário de todos estes artefactos, recolhidos em antigas lixeiras, indica, no entanto, a presença ainda assim assinalável deste tipo de produções do século XVI em contextos urbanos, cujo uso reflectia o gosto das elites ali residentes por produtos exóticos e de prestígio, até então completamente desconhecidos dos europeus.

A importação de marfim africano por essa época também se fazia em bruto, conforme documenta, entre outros, o achado subaquático de uma defesa de elefante recolhida numa rede de arrasto ao largo do Cabo Sardão, cuja datação por radiocarbono realizada igualmente no Laboratório de radiocarbono da Universidade de Waikato deu o seguinte resultado:

Wk 35560: 2377 +/- 25 BP, data que, depois de calibrada fazendo uso o programa Calib, corresponde aos seguintes resultados: para uma probabilidade de cerca de 95%, a cronologia da peça corresponde aos intervalos entre 1447 e 1524 e entre 1571 e 1631, sendo que a probabilidade da data pertencer ao intervalo mais antigo é superior em mais do dobro à do intervalo do mais moderno (CARDOSO, 2016).

* * *

A extensa informação disponível acerca da presença de peças de marfim africano trabalhadas, com origem geográfica e cronologia comparável aos dois exemplares de *Conus pulcher* ora estudados, leva à conclusão da sua presença poder ter acompanhado o comércio de tais peças. Importa ter presente que se trata de uma espécie de grandes dimensões e cuja forma era completamente desconhecida dos habitantes do Reino. Poderia deste modo ter sido trazida, conjuntamente com os marfins manufacturados ou em bruto acima referidos por se tratar, também, de objectos exóticos e de grande beleza, e como tal merecerem admiração e procura. É sabido que em todas as épocas os marinheiros e viajantes, mesmo os menos instruídos, tinham como prática corrente o transporte nas suas bagagens de objectos exóticos, incluindo animais, revelando permanente curiosidade perante o desconhecido. É desta forma que a ocorrência destes dois búzios em território português, em data situável com toda a probabilidade no decurso do século XVI, época do apogeu das produções da Serra Leoa e do Benim, encontra explicação.

Mais difícil é justificar a sua presença numa gruta situada em região erma, a plataforma culminante da serra de Montejunto. A total ausência de transformação dos dois exemplares, contrasta com a verificada em outros, utilizados, por polimento, como objectos de adorno ou incorporados na indumentária ritual como é o caso de um “thunderbolt belt” produção da etnia Tinggi, das montanhas de Luzon, ilha do norte das Filipinas, do século XIX/XX, presentemente exposto no Museu de Quai Branly (Paris) (Fig. 4).

Assim sendo, tudo indica tratar-se de peças que, para além do seu valor intrínseco conferido pela beleza e exotismo, tinham significado próprio, justificando por isso ocultação isolada, talvez por parte de algum africano que, no século XVI, tivesse comparecido naquele local desabitado e inóspito exclusivamente com a intenção de cumprir tal propósito.

5 – CONCLUSÕES

Este estudo permitiu chegar às seguintes conclusões gerais:

- 1 – As duas conchas de *Conus pulcher* (Lightfoot), 1786 recolhidas na gruta das Fontainhas aquando da sua exploração em 1879/1880, pelo colector Manuel Roque, da então Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal atestam a presença de um molusco cuja distribuição geográfica se estende desde a Mauritânia (banco de Arguim) até ao Golfo da Guiné ou mesmo até Angola. Esta realidade merecia aprofundamento, pois a serem de época pré-histórica – como o espólio conhecido retirado da gruta sugeria – tratava-se da evidência mais meridional no contexto das relações económicas e culturais então estabelecidas entre o litoral africano e o actual território português. Tal possibilidade, embora não fosse impossível, carecia de aprofundamento e discussão.
- 2 – Obtida uma amostra constituída em partes iguais por material retirado de ambos os exemplares, tendo em vista a sua datação pelo radiocarbono, foi a mesma remetida ao Laboratório da Universidade de Waikato (Nova Zelândia). O resultado, depois de calibrado e corrigido o efeito de reservatório oceânico, indica que a cronologia em anos de calendário se situa num intervalo entre 1470 e 1660 para uma probabilidade de 68,2%.
- 3 – A cronologia das duas conchas é assim idêntica à da época de apogeu das produções de objectos de marfim afro-portugueses, destinados a abastecer as casas ricas da Europa, oriundos de dois núcleos, a região da Serra Leoa e o Benim, os quais se sobrepõem, por seu turno, à área de distribuição geográfica preferencial desta espécie.



Fig. 4 - "Thunderbolt belt" da etnia Tinggi, das montanhas de Luzon, ilha do norte das Filipinas, do século XIX/XX, presentemente exposto no Museu de Quai Branly (Paris). Foto de João Luís Cardoso.

O exotismo destes exemplares poderia assim ter justificado a sua vinda para o Reino, acompanhando aqueles produtos de luxo eborários tão apreciados à época, com reconhecida presença em contextos arqueológicos urbanos situáveis no século XVI das cidades de Lisboa, de Almada e de Beja.

- 4 – Explicada a origem dos dois exemplares de *Conus pulcher* em território português por via do comércio marítimo africano, teriam os mesmos chegado ao Reino, face à cronologia absoluta obtida, muito provavelmente no decurso do século XVI. Pode assim concluir-se que, a par dos escravos, do ouro e dos objectos manufacturados de marfim, e para além dos próprios dentes de elefante em bruto, afluíam também daquelas paragens outros produtos exóticos, igualmente apreciados pelas elites europeias da época, entre os quais se inserem os dois búzios agora estudados, cuja forma e tamanho não deixariam de despertar interesse.
- 5 – Falta, no entanto, conhecer as razões da ocorrência destes dois objectos exóticos numa gruta situada em região inóspita da plataforma culminante da serra de Montejunto. A tal respeito pouco se poderá adiantar admitindo-se, à falta de melhor razão, que a sua ocultação se tenha ficado a dever a eventual prática votiva ou propiciatória, por parte de algum africano, dos muitos que então afluíam ao Reino, que tenha escolhido este local precisamente pelas suas características agrestes e isoladas. Desta forma, para além da sua beleza e exotismo, estes dois búzios valiam por si mesmos, isto é, detinham um significado próprio e imaterial, só conhecido de alguns.

AGRADECIMENTOS

Ao Doutor Miguel Magalhães Ramalho e ao Dr. José António Anacleto (LNEG) pelas facilidades concedidas no acesso e estudo dos exemplares pertencentes ao espólio do Museu Geológico daquela instituição.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2016) – Vantajosas cautelas (2). A defesa de elefante recolhida no mar ao largo do Cabo Sardão e a sua cronologia. *Al-Madan*. Almada. Série II, 20, p. 222-224.
- CARDOSO, J. L. (2020) – A primeira escavação arqueológica metodologicamente moderna foi realizada em Portugal em 1879/1880: a intervenção de Nery Delgado na gruta da Casa da Moura (Óbidos, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 26, p. 123-242.
- CARDOSO, J. L. & GUERREIRO, A. (2001/2002) – Presença do género *Conus* sp. no Neolítico ou Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 363-373.
- CHOFFAT, P. (1920) – Le bouquetin du Gerez et le bouquetin du Monte Junto. *Boletim Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*. Lisboa. 8 (2), p. 151-153.
- GOMES, M. V. (2017) – Marfim africano comércio e objectos, séculos XVI-XVIII. *Colóquio internacional*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Livro de resumos, p. 29-30.
- GONÇALVES, J. L. M. (1990/1992) – As grutas da serra de Montejunto (Cadaval). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10, p. 41-201.

- HARLÉ, E. (1910/1911) – Les mammifères et oiseaux quaternaires connus jusqu'ici en Portugal. *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*. Lisboa. 8, p. 22-85.
- MARK, P. (2009) – Portugal na África Ocidental – os marfins afro-portugueses. In *Portugal e o Mundo nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, p. 131-143.
- MASSING, J. M. (2009) – Escultura em pedra e em marfim na Serra Leoa. In *Portugal e o Mundo nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, p. 115-130.
- NOBRE, A. (1932) – *Moluscos marinhos de Portugal*. Porto: Instituto de Zoologia da Universidade do Porto.
- RAPOSO, F. H. (1993) – O afro-português. In *A expansão portuguesa e a arte do marfim*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 21-26.
- REIMER, P. J. *et al.* (2013) – IntCal13 and marine radiocarbon age calibration curves 0-50,000 years cal BP. *Radiocarbon*, 55 (4), p. 1869-1887.
- RODRIGUES, T. (2018) – Um polvorinho de marfim com cenas cinegéticas. *Herança – revista de História, Património e Cultura*. Lisboa. 1 (1), p. 24-42.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 53-153.
- VALERA, A. C. & ANDRÉ, L. (2017) – Aspectos da interacção transregional na Pré-História Recente do sudoeste peninsular: interrogando as conchas e moluscos dos Perdigões. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 23, p. 189-218.